

Indústria gaúcha é prejudicada pela falta de trabalhador qualificado

MP 936 (Lei 14.020): mais de 300 mil acordos na Indústria do RS

Expectativas sustentam a alta da confiança na indústria gaúcha

Pesquisa estima que pandemia fechou 522,7 mil empresas no País

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Indústria gaúcha é prejudicada pela falta de trabalhador qualificado

Na semana passada, o IBGE divulgou o módulo Educação da PNAD Contínua 2019, trazendo dados preocupantes que afetam o presente e o futuro do País. O principal resultado negativo foi que mais da metade da população de 25 anos ou mais (51,2% ou 69,5 milhões) não concluiu o ensino médio. Como ponto positivo, 99,7% das crianças entre 6 e 14 anos e 89,2% dos jovens entre 15 e 17 anos frequentavam escola.

No entanto, mesmo com a universalização quase alcançada, a qualidade do ensino não evoluiu de modo a preparar os jovens para o mercado de trabalho, trazendo diversas consequências para as empresas. No terceiro trimestre do ano passado, realizamos uma sondagem com a Indústria gaúcha cujo tema foi a falta de trabalhador qualificado ([mais detalhes aqui](#)).

Os resultados apontaram que a falta de trabalhador qualificado continua sendo um problema para o setor, apesar do elevado número de desempregados em decorrência da última crise econômica. Em 2019, mais da metade das indústrias de transformação do RS (53,5%) afirmaram ter dificuldades para contratar trabalhadores com a qualificação necessária.

Todas as áreas da empresa são afetadas, sendo as de técnicos e operadores de produção as atingidas com maior intensidade. Quando perguntadas sobre os três objetivos mais prejudicados pela falta de trabalhador qualificado, “buscar eficiência ou reduzir desperdícios (aumentar a produtividade)”, foi a opção mais assinalada com 76% do total de indústrias que têm

problema com a falta de trabalhador qualificado. A segunda colocada foi a opção “garantir e melhorar a qualidade dos produtos” com 70%, seguida por “adquirir ou absorver novas tecnologias” com 26%.

Entre as indústrias que consideram que a falta de trabalhador qualificado é um problema, 94,3% têm políticas e ações para lidar com essa situação. Na tentativa de contornar o problema, o mecanismo mais utilizado pelas indústrias é a capacitação dentro da própria empresa (81% das empresas), seguida pela capacitação fora da empresa através de cursos externos (41%), mostrando que grande parte das indústrias gaúchas contrata trabalhadores com qualificação aquém do necessário e procura prover a qualificação de forma paralela ao trabalho. A terceira medida mais adotada é a política de retenção de trabalhadores (39%).

Contudo, apesar da necessidade, 77,2% das empresas afirmaram ter dificuldades para investir na qualificação dos trabalhadores, sendo “a má qualidade da educação básica” a principal barreira encontrada (45%), seguida pelo “pouco interesse dos trabalhadores” (42%) e pelo “elevado custo dos cursos que a empresa necessita” (31%).

Portanto, as consequências de uma educação de baixa qualidade são imensas para toda a sociedade, tendo relação direta com o baixo crescimento da produtividade da economia. No Brasil, onde as mudanças demográficas ocorrem rapidamente, é preciso tratar esse tema com a seriedade que ele merece.

MP 936 (Lei 14.020): mais de 300 mil acordos na Indústria do RS

As dificuldades e incertezas trazidas pela crise tornaram inevitável a redução do quadro de empregados pelas empresas industriais do RS. Cabe mencionar que o setor sequer começou a recuperar a perda de empregos ocorrida na última crise. Nos últimos 12 meses até maio, foram 48,3 mil vagas encerradas. Apenas no período de pandemia (março a maio de 2020), a Indústria gaúcha já destruiu 46,3 mil postos de trabalho, o maior fechamento de vagas entre os quatro grandes setores. Para se ter uma ideia da magnitude e velocidade do estrago, ao longo da última crise (2014-2017: 48 meses) a indústria gaúcha fechou 135,9 mil empregos. Em apenas três meses de pandemia já foram extintos mais de um terço dessa quantia (34,1%).

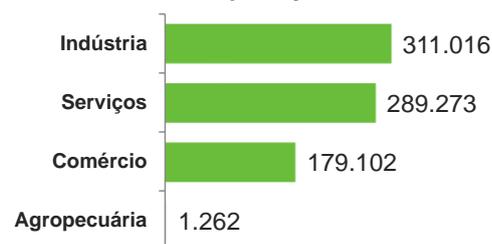
O número de postos de trabalho perdidos é impressionante, mas poderia ter sido muito maior não fossem as medidas de permissão para acordos de suspensão de contratos de trabalho e redução de jornada lançadas pelo Governo Federal. Segundo o Ministério da Economia, desde o início de abril, 780,9 mil acordos foram celebrados no RS no âmbito da Medida Provisória nº 936 (convertida na Lei 14.020/2020), abrangendo 81,2 mil empregadores e 571,4 mil trabalhadores. Do total de acordos, 311 mil foram na Indústria, representando 39,8% do total, o maior

volume entre os quatro grandes setores.

Portanto, além de levar em conta as mais de 46 mil vagas perdidas nos últimos três meses, é preciso considerar que há uma grande quantidade de empregos em risco na Indústria do RS, conforme aponta o elevado número de acordos de suspensão de contrato e redução de jornada. Por conta da perspectiva de retomada lenta da atividade econômica, as perdas para o mercado de trabalho da indústria devem continuar nos próximos meses.

Acordos celebrados no âmbito da MP 936/2020 (Lei 14.020/2020) no RS

(Total de acordos firmados entre 01/04/20 e 11/07/20: suspensão de contrato, redução de jornada e intermitentes)



Total de acordos no RS: **780,9 mil**
Empregadores alcançados no RS: **81,2 mil**
Trabalhadores alcançados no RS: **571,4 mil**

Fonte: Painel informações BEm/Ministério da Economia.

Expectativas sustentam a alta da confiança na indústria gaúcha

O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS), divulgado pela FIERGS, cresceu de 42,0 em junho para 49,1 pontos em julho, na segunda alta expressiva seguida (+17,0 pontos), que recuperou parte da queda histórica (-34,9 pontos) nos três meses anteriores. O índice, que varia de 0 a 100, vem se recuperando, mas continuou abaixo de 50 pontos, mostrando que a falta de confiança ainda é predominante entre os empresários.

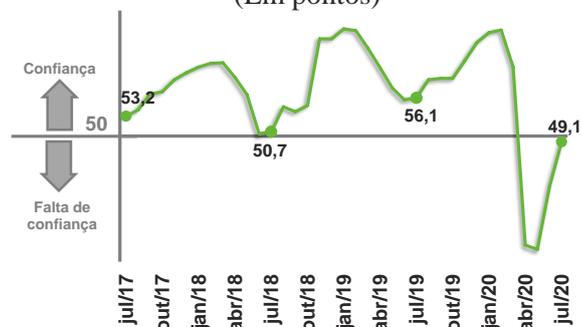
Entre os componentes, o Índice de Condições Atuais cresceu de 26,9 para 35,0 pontos de junho para julho, continuando distante dos 50,0 pontos, o que significa uma percepção de piora menor, mas ainda bastante disseminada na indústria gaúcha. Em julho, 78,2% dos empresários percebiam piora na economia, o que levou o Índice de Condições Atuais da Economia Brasileira aos 27,8 pontos (de 20,9 em junho). O Índice de Condições das Empresas mostrou o mesmo comportamento: subiu de 30,0 para 38,5 pontos.

As expectativas dos empresários gaúchos para os próximos seis meses melhoraram pelo terceiro mês seguido, retornando, após três meses, ao terreno positivo (acima dos 50,0 pontos). De fato, o Índice de Expectativas alcançou 56,2 pontos em julho, 6,7 acima de junho. No mesmo período, o Índice de Expectativas da Economia Brasileira aumentou de 43,3 para 50,4 pontos, saindo de uma visão pessimista para um ligeiro otimismo. O resultado reflete o avanço da proporção de

empresários otimistas (de 23,9% para 33,7%) e a redução de pessimistas (de 41,8% para 27,5%). Aumentou também o otimismo com o futuro das empresas: Índice de Expectativas das Empresas subiu de 52,6 em junho para 59,2 pontos em julho.

Os resultados mostram que o setor segue enfrentando imensas dificuldades com a recessão econômica imposta pelas medidas de contenção da pandemia. A melhora das expectativas, principal responsável pelo aumento da confiança, decorre da crença dos empresários na continuidade do afrouxamento das medidas de isolamento social e no retorno gradual das atividades, que pode ser abalada, porém, diante da possível reversão desse processo no RS. Assim, apesar do avanço, o baixo nível da confiança de julho, sinaliza uma recuperação muito lenta para a indústria nos próximos meses.

Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS (Em pontos)



Fonte: FIERGS.

Pesquisa estima que pandemia fechou 522,7 mil empresas no País

O IBGE divulgou os primeiros resultados das estatísticas experimentais da Pesquisa Pulso Empresa: Impacto da Covid-19 nas Empresas, referente ao período da segunda quinzena de junho, em relação ao início da pandemia.

A pesquisa estima que, no período, o País tinha 4,0 milhões de empresas, sendo que 67,4% estavam abertas em funcionamento total ou parcial, 15,0% estavam fechadas temporariamente e 17,6% encerraram suas atividades definitivamente, independente do motivo. Das 1,3 milhão de empresas que estavam com atividades encerradas temporária ou definitivamente, 39,4% apontaram a pandemia como motivo. Tal impacto foi disseminado entre os setores: 35,1% (33,7 mil) das Indústrias que encerraram suas atividades tomaram essa decisão em decorrência da Covid-19, assim como 40,9% do Comércio, 39,4% dos Serviços e 37,0% (38,4 mil) da Construção. Na análise por porte, 99,2% das empresas que estavam com atividades encerradas, temporária ou definitivamente, eram de pequeno porte, enquanto 0,8% eram intermediárias.

Entre as 2,7 milhões em funcionamento, total ou parcial, 70,7% teve diminuição das vendas ou serviços comercializados no período. Entre os setores, a piora nas vendas foi maior na Construção (73,1%), nos

Serviços (71,9%), especialmente aqueles prestados a famílias (84,5%) e no Comércio (70,8%). Na Indústria, 65,3% das empresas tiveram queda nas vendas.

Sobre o número de empregados ao final do período, para 61,2% das empresas em funcionamento não teve mudança, enquanto houve redução para 34,6% e aumento para 3,8%. Entre as que tiveram redução, 37,6% teve redução inferior a 25%. Para 32,4%, a redução do quadro foi entre 26% e 50%, ao passo que 29,7% apresentaram redução superior a 50%. Os resultados foram semelhantes entre os setores, com exceção de Serviços, que apresentou redução superior a 50% para 44,4% das suas empresas.

Os resultados também relevam que das 12,7% empresas que conseguiram uma linha de crédito emergencial para pagar a folha salarial, 67,7% o fizeram com apoio do Governo. Além disso, 44,5% adiou o pagamento de impostos como medida em relação aos impactos da crise.

A pesquisa mostra a recessão econômica advinda das medidas de restrição e isolamento generalizada entre os setores. Com o retorno gradual das atividades na maior parte do País, espera-se que os próximos números da pesquisa apontem o início de uma recuperação.